

Marcuse analisa a crítica de Freud à sociedade dialetizando seus elementos negativos. Quando Freud pensa ser inevitável o processo de repressão, Marcuse argumenta que a teoria freudiana está descrevendo as condições de fundação e reprodução da civilização, entretanto a hierarquia e a exploração do trabalho, a maneira de divisão de recursos e a repressão mediante a imposição dessas condições representam um excesso em relação ao que seria necessário para a existência da civilização. Esse excesso de repressão pulsional, que se manifesta como uma ampliação daquelas restrições efetivamente necessárias para manter os interesses da dominação social, é denominado por Marcuse como *mais-repressão*. Dessa forma, Marcuse enfatiza o elemento crítico e dialético que teria faltado a Freud, ou seja, a consideração acerca da distinção entre as exigências do princípio de realidade e as exigências que alguma forma específica de dominação nos impõe em nome de uma determinada realidade. A quantidade adicional de repressão conduz ao aumento descontrolado do sentimento de culpa, mergulhando a civilização capitalista na irracionalidade.

Como a *mais-repressão* é o correspondente pulsional do trabalho alienado, Marcuse propõe uma outra denominação para o princípio de realidade freudiano que é mais adequada para dar conta do processo repressivo que submete os homens na sociedade industrial avançada. Assim, para Marcuse, mais do que princípio de realidade seria adequado falar em *princípio de desempenho*, ou seja, a modalidade de repressão sobre as pulsões que adequa os homens ao aparato técnico, político e econômico de dominação. Através da hierarquia do trabalho na sociedade industrial efetiva-se a imposição de todos os requisitos adicionais de repressão institucional requeridos por esse aparato.

Ao empregar os conceitos de *mais-repressão* e *princípio de desempenho*, Marcuse denuncia o anacronismo da dominação na sociedade da abundância. Nesta, tornam-se obsoletas as justificativas históricas da dominação. Ele defende a tese de que, como vivemos em um período de exploração que poderá ser superado com o avanço tecnológico, as máquinas pouparão o tempo dos homens, liberando tempo livre para a realização das verdadeiras faculdades humanas. A escassez, ou seja, a condição de dependência humana frente ao poder da natureza, deixou de ser justificativa para a *mais-repressão*, uma vez que o grau de domínio dos homens sobre a natureza no mundo contemporâneo proporciona a possibilidade concreta de realização das necessidades humanas fundamentais. Se a miséria e a dominação material persistem, tal existência anacrônica deixa de ser fruto dessa escassez e passa a ser uma consequência da má distribuição de recursos.

Temos, portanto, que ao gerar condições para o livre desenvolvimento das potencialidades humanas, o avanço técnico atua contra a repressão. Entretanto, em virtude da correlação anteriormente apontada entre progresso e sentimento de culpa, esse vetor emancipatório é neutralizado mediante a hegemonia da *mais-repressão* e do *princípio de desempenho*. Marcuse chega a essa conclusão a partir de uma análise da dialética da civilização, constatando a correlação entre a história do sentimento de culpa e a história da humanidade. Com o objetivo de entender melhor essa relação, é necessário observar como o sentimento de culpa é definido por Freud, segundo este, o medo da autoridade externa corresponde ao medo que os filhos sentem do pai. A renúncia que realizam se converte em fonte de consciência direcionada para o nascimento do homem racional. Mas quando se

trata do medo do superego, que é uma autoridade interna, apenas a renúncia não é suficiente, pois o desejo continua vivo e não pode ser escondido do superego. Ou seja, essa renúncia é incapaz de libertar do sentimento de culpa que persiste, que é consequência do desejo proibido, tornando-se fonte permanente de sofrimento. No livro *O ego e o id*, Freud nos fala de pessoas que se comportam de uma maneira muito peculiar durante a análise. Quando é dada alguma esperança de cura a esses pacientes, espera-se que haja uma melhora, mas eles se mostram descontentes e seu estado se torna pior. Chega-se à conclusão de que esses indivíduos, além de não suportarem qualquer elogio, reagem inversamente ao progresso do tratamento, seus sintomas se acentuam e suas moléstias pioram, ao invés de melhorarem. Esse fenômeno foi nomeado por Freud como “reação terapêutica negativa”. O sentimento de culpa se expressa, pois, como uma resistência do paciente à cura, cuja superação é extremamente difícil, dada a inviabilidade de se convencer o paciente de que é o seu sentimento de culpa que o torna enfermo. O paciente freudiano, em sua “reação terapêutica negativa”, pode ser analogamente comparado ao indivíduo comum na sociedade de massas contemporânea, que tem seu sentimento de culpa exacerbado pelas exigências que lhe são impostas pela sociedade.

Para Marcuse, o sentimento de culpa é simultaneamente condição fundamental para a própria existência da civilização, e algo cuja intensificação perpetua a vida civilizada como sistema organizado de dominação. O sistema hierárquico de trabalho, além de racionalizar a dominação, também impede qualquer tipo de rebelião, o autor aponta que todas as rebeliões serviram para substituir um grupo dominante por outro, mas não alcançaram seu principal objetivo: a abolição da dominação e da exploração. A facilidade com que essas revoltas foram derrotadas pela dominação requer uma explicação.

O elemento de *autoderrota* (sentimento de culpa) é produto da racionalização do poder e da repressão. Obrigando os indivíduos à labuta, a dominação já não está mais defendendo privilégios específicos, mas da sociedade como um todo. A liberdade prometida pela dominação se torna o próprio instrumento da repressão, porém Marcuse nos lembra sempre que a não gratificação dos desejos provoca revolta, aumentando a agressividade.

Segundo Freud, o fortalecimento de Eros, que seria o único meio de coagir os impulsos destrutivos e amenizar o sentimento de culpa, é um objetivo inalcançável pela civilização, uma vez que esta se encontra fundada na supressão dos instintos. Contra essa tendência descrita por Freud, Marcuse levanta várias objeções, pretendemos com esta comunicação analisá-las.